

Quintais na cidade:

a experiência de moradores da periferia do Rio de Janeiro

Denis Monteiro e
Marcio Mattos de Mendonça*

Introdução

Significativa parcela das populações residentes nas periferias das grandes metrópoles brasileiras é oriunda dos intensivos processos de migração campo–cidade ocorridos nos últimos 40 anos. Ao se estabelecerem no meio urbano, as famílias de antigos agricultores se viram obrigadas a desenvolver modos de vida muito diferentes daqueles regulados pelos ciclos da natureza a que estavam habituadas.



Marcio Mattos de Mendonça

Dona Leda no seu quintal, na comunidade da Praia da Brisa

Se, por um lado, esses novos modos de vida assimilam a essência das formas de convivência propriamente urbanas, por outro, retêm antigas práticas provenientes de suas origens rurais, que continuam a se manifestar no vocabulário, na culinária, nas artes, na sociabilidade etc. Esse verdadeiro amálgama cultural favorece que famílias socialmente marginalizadas nas cidades mobilizem sua inteligência criativa para desenvolver estratégias de sobrevivência ajustadas aos novos contextos de precariedade e de privação de direitos elementares aos quais estão submetidas, entre eles o de se alimentar de maneira saudável e equilibrada. A despeito de sua minúscula expressão em termos espaciais, os quintais domésticos representam verdadeiros redutos para o exercício de práticas de produção alimentar ainda bastante presentes nas referências culturais dessas populações.

Desde finais de 1999, a Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA) desenvolve um trabalho em comunidades pobres da periferia do município do Rio de Janeiro orientado para o incentivo e fortalecimento das práticas de aproveitamento agrícola de espaços urbanos.

Breve contextualização

A cidade do Rio de Janeiro tem a segunda maior população do Brasil, cerca de seis milhões de habitantes. As comunidades em questão se localizam na Zona Oeste, região que vem passando por um processo acelerado de urbanização e onde são comuns os loteamentos irregulares de antigos sítios rurais e as ocupações de áreas não aproveitadas.

Nessas comunidades são observados elevados índices de desemprego e subemprego, além de sérias carências de serviços básicos. A vulnerabilidade à insegurança alimentar e nutricional é uma característica que se manifesta de forma recorrente em meio às famílias, o que se deve à combinação de dois fatores interdependentes: a dificuldade de acesso aos alimentos, em razão dos baixos níveis de renda familiar, e a tendência à homogeneização dos hábitos alimentares, em que prevalece a baixa qualidade nutricional das dietas, em geral carentes de vitaminas e sais minerais.

Questões de segurança alimentar e nutricional no Loteamento Ana Gonzaga

Em pesquisa realizada no Loteamento Ana Gonzaga¹, foram identificadas, dentre as famílias mais vulneráveis à pobreza, diversas sem renda mensal e muitas outras com ren-

¹MAIA, P. de O.; MALUF, R. S. J.; SILVA, L. C. *Agricultura urbana e a promoção da segurança alimentar e nutricional numa comunidade em Campo Grande*. Rio de Janeiro, 2003.

da de até R\$ 200,00. A restrição de renda para aquisição dos alimentos foi levantada como principal dificuldade relacionada à alimentação. As dietas das famílias se baseiam quase exclusivamente no consumo de café, leite, pão e margarina no café da manhã, e arroz e feijão nas demais refeições. Cerca de 50% das famílias ficam até três semanas sem consumir hortaliças ou carnes.

A sociabilidade comunitária é negativamente afetada pelo poder do tráfico de drogas. Ademais, a cultura política é fortemente marcada pelas relações de clientelismo e assistencialismo.

Esse contexto dificulta o desenvolvimento de formas ativas de associação comunitária orientadas para o enfrentamento dos problemas vivenciados coletivamente. Apesar disso, as famílias e algumas organizações desenvolvem estratégias próprias e emancipadoras para fazer frente às carências alimentares e nutricionais, como as iniciativas no campo da educação alimentar e a adoção de práticas agrícolas nos quintais.

Na região ainda são encontradas residências com quintais de terra e terrenos sem construções. Em alguns desses espaços são desenvolvidas experiências agrícolas que adaptam traços da tradição rural ao ecossistema urbano. Elementos da herança cultural de diferentes regiões do país também são observados nas diversas formas de uso de remédios caseiros à base de plantas e na grande diversidade de hábitos alimentares ainda presentes.

Para desenvolver o seu trabalho, a AS-PTA adota como princípio de sua abordagem metodológica a valorização e o fortalecimento dessas práticas socioculturais.

Aproveitamento de terreno baldio:
a experiência do Seu Lourival

Seu Lourival e Dona Rosa são moradores do Loteamento Ana Gonzaga. Estão aposentados e Seu Lourival dedica boa parte do tempo ao cuidado de suas hortas, uma no quintal de sua casa e outra num terreno vizinho, que estava abandonado, onde fez um acordo com o proprietário para plantar. Nesses espaços planta figo, banana, quiabo, couve, batata-doce, plantas medicinais, entre outras espécies. Dona Rosa fala com entusiasmo das paneladas de galinha caipira com quiabo que faz na época da colheita. Diz também que adora os passarinhos que vêm visitar a horta quando tem fruta madura.



Denis Monteiro

Horta na Praia da Brisa

Agricultura na cidade e o enfoque agroecológico

A produção de alimentos nas cidades não é a única função da agricultura. Outras motivações foram evidenciadas por meio de um diagnóstico participativo realizado no Loteamento Ana Gonzaga², tendo sido visitados 150 quintais. A concepção do diagnóstico surgiu das discussões da AS-PTA com atores locais conhecedores da realidade, a Associação de Moradores e as(os) agentes comunitárias(os) de saúde.

Alimentação, em relação à disponibilidade e qualidade do alimento e sua interferência na saúde, e ocupação, referindo-se ao prazer/gosto de plantar e ao cultivo como forma de ocupação e terapia, foram as principais motivações apontadas pelos moradores.

A qualidade dos alimentos, devido à não utilização de produtos químicos na produção e ao fato de serem frescos (colhidos na hora), é outro aspecto valorizado. Para algumas das famílias mais pobres, o quintal é a única fonte de hortaliças.

A questão da socialização também é relevante. As pessoas plantam, cuidam do quintal e trocam mudas, sementes, alimentos e conhecimentos com os parentes e vizinhos. Essa é, portanto, uma oportunidade de resgatar sociabilidades perdidas no meio urbano.

No entanto, é comum nas famílias mais pobres se observar uma baixa auto-estima, o que restringe fortemente a participação em atividades comunitárias e as desmotiva a cuidar dos seus quintais. Por outro lado, a agricultura tem se mostrado um fator de elevação da auto-estima dos moradores, que se orgulham de mostrar o trabalho e falar do quintal e das plantas.

Além disso, a agricultura na cidade guarda algumas especificidades importantes, como a grande diversidade de plantas. No Loteamento Ana Gonzaga, predo-

²LUNARDI, V. L. e MENDONÇA, M. M. *Conhecendo os quintais do Loteamento Ana Gonzaga*. Rio de Janeiro, 2003.

minam as árvores frutíferas, presentes em 65% dos quintais pesquisados, seguidas pelas plantas medicinais, observadas em 62%. Na seqüência aparecem as ornamentais, em 55%, e por último as espécies alimentícias anuais, encontradas em 45% dos lotes visitados. Um número considerável de quintais possui plantas das quatro categorias.

A diversidade de espécies no quintal da Dona Leda

Dona Leda mora há 24 anos em uma casa no bairro de Sepetiba. Aprendeu com a avó, que era mineira, a gostar e cuidar das plantas do quintal. A medida que as plantas vão nascendo, sejam elas plantadas ou espontâneas, Dona Leda cuida de cada uma com amor. Atualmente, possui em seu quintal de 360 m² (incluindo a parte construída) mais de cem diferentes espécies de plantas, entre medicinais, alimentícias, frutíferas e ornamentais.

A restrição de espaço e a baixa qualidade das terras dos quintais são características normalmente apontadas como limitantes à realização da agricultura na cidade. Os moradores das comunidades têm buscado alternativas adaptáveis a esse ambiente, como o uso de vasos, latas, potes, pneus velhos, bidês, bacias, canteiros de alvenaria ou madeira para cultivo de plantas ornamentais, medicinais, temperos e outras hortaliças que não necessitam de muito espaço.

Outra questão importante é que, ao se abordar o tema da agricultura na cidade, é comum a imediata referência às hortas comunitárias. De fato, muitos projetos de incentivo às práticas agrícolas no meio urbano utilizam a lógica da promoção exclusiva de hortas comunitárias. Isso ocorre porque, em primeiro lugar, a palavra horta é entendida como sinônimo de cultivo de hortaliças em canteiros, o que exclui de antemão diversas possibilidades de aproveitamento produtivo integrado dos espaços urbanos, como a utilização de árvores frutíferas, o plantio em recipientes (potes, vasos etc.) e a criação de animais. A perspectiva agroecológica, por outro lado, não restringe o olhar a um sistema padronizado de produção, com espécies predefinidas, mas procura incorporar ampla diversidade às condições específicas de cada espaço disponível. Outro aspecto se refere ao caráter comunitário. Na prática, ocorrem poucas experiências espontâneas desse tipo e, além disso, existem outras formas de trabalho cooperativo e de socialização de informações, como os mutirões, os bancos de sementes, os encontros formais e informais etc. A horta comunitária, portanto, deve ser vista como mais uma das possibilidades, que demanda um certo grau de organização e mobilização, e não tida como fórmula única.

Algumas questões a título de conclusão

A agricultura na cidade tem interfaces importantes com diversos outros aspectos do ecossistema urbano, que vão além da produção de alimentos. Uma das dimensões fundamentais é o resgate cultural, de relação e cuidado com o ambiente e com as plantas, além de propiciar novas sociabilidades. O fato é que a recuperação de laços de sociabilidade e a elevação da auto-estima proporcionadas por dinâmicas da agricultura urbana contribuem diretamente para a busca de estratégias coletivas e individuais de promoção de maiores níveis de segurança alimentar e nutricional.

Do ponto de vista dos impactos na alimentação, a produção de alimentos na cidade não supre, e dificilmente tem potencial para suprir, na totalidade, as necessidades nutricionais dos moradores. No entanto, a produção local é uma forma de acesso aos alimentos distinta dos mecanismos de mercado ou assistencialistas, comuns no contexto urbano, o que coloca uma perspectiva de maior autonomia das populações.

Em relação à qualidade dos alimentos e da alimentação, a produção de frutas e hortaliças, por exemplo, cumpre papel importante no fornecimento de nutrientes, especialmente vitaminas e sais minerais, dos quais as dietas são em geral carentes. Além disso, permite uma diversificação dos hábitos alimentares e facilita processos de educação alimentar e nutricional. Outro aspecto especialmente valorizado pelas famílias é a não-utilização de produtos químicos na produção.

A questão da agricultura na cidade é tema de reflexão recente no Brasil, ainda pouco estudado e discutido. Praticamente não existem políticas de apoio – mecanismos de crédito, assessoria técnica, políticas de uso agrícola dos solos urbanos etc.

Além disso, as especificidades da agricultura na cidade colocam alguns desafios do ponto de vista teórico, metodológico e tecnológico. O enfoque agroecológico deve dar conta dessas especificidades, apreender as dinâmicas existentes e a relação da agricultura com outras questões importantes do meio urbano, identificar as limitações técnicas e organizativas e potencializar as iniciativas em curso, valorizando a diversidade. Estratégias uniformizadoras restringem as capacidades criativas das populações socialmente marginalizadas nas cidades.

** Engenheiros agrônomos da AS-PTA .
urbana@aspta.org.br*